



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

**REFLEXÕES ACERCA DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA NO MUNDO
GLOBALIZADO**

KAROLINE DE OLIVEIRA OLIVEIRA

ORIENTADORA: Dra. DELMA PACHECO SICSÚ

PARINTINS/AM

2024



KAROLINE DE OLIVEIRA OLIVEIRA

**REFLEXÕES ACERCA DA LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA NO MUNDO
GLOBALIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no âmbito da disciplina de Pesquisa e Produção Acadêmica em Letras III como requisito do curso de graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Delma Pacheco Sicsú (UEA)
Orientadora

Dr. Franklin Roosevelt Martins de Castro (UEA)
Membro interno

MSc. Luis Alberto Mendes de Carvalho (UEA)
Membro interno

PARINTINS – AM

2024

Reflexões acerca da literatura indígena brasileira do mundo globalizado

Karoline de Oliveira Oliveira ¹

Delma Pacheco Sicsú²

Resumo: A dinâmica contemporânea tem impactado significativamente a literatura indígena brasileira contemporânea. A literatura indígena do século XXI tem encontrado desafios, como a influência de padrões estéticos e narrativos ocidentais sobre a produção literária indígena. Questões de identidade, valorização à ancestralidade, conexão homem-natureza, críticas ao avanço desenfreado de ideais consumistas e valorização do coletivo tem sido fundamental para fortalecer a voz dos povos indígenas e promover o diálogo intercultural através da literatura. No que tange ao embasamento teórico, foram utilizadas produções que abordam a temática de literatura indígena no ambiente de instantâneas mudanças como Thiel (2013); Almeida (2009); pesquisas também que discutem fatores culturais em meio à globalização moderna: Seixas (2008); Ferreira (2013); Hall (2014); Quijano (2008) pesquisas relacionadas às lutas de minorias, William (2019).

Palavras-chave: Literatura Indígena; Contemporaneidade; Identidade cultural; Resistência.

Abstract: Globalization has significantly impacted contemporary Brazilian indigenous literature. With the expansion of communication technologies and easier access to information and literary works from different cultures, indigenous writers have found new forms of expression, broadening their reach and visibility. On the other hand, globalization also brings challenges, such as the influence of Western aesthetic and narrative standards on indigenous literary production. Despite these challenges, globalization has been instrumental in strengthening the voice of indigenous peoples and promoting intercultural dialogue through literature.

Key- words: indigenous literature – globalization – identity – resistance.

Introdução

A literatura indígena escrita é um fenômeno recente no Brasil. Por muito tempo tudo o que se sabia sobre os indígenas era carregado da visão colonizada. Para um contato

¹ Acadêmica do 8º período de Letras - Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. Contato: karolinedeolive@gmail.com.

² Professora adjunta do CESP/UEA. Doutora em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Contato: delmasicsu@bol.com.br

mais aprofundado com obras de caráter militante, o leitor deve possuir uma visão decolonizada sobre o mundo que o espera, cheio de conhecimentos ainda estão a ser desestruturados e redescobertos. O fenômeno de produção literária de autoria indígena

surge em um contexto de grandes transformações em todos os níveis da sociedade brasileira e do mundo, que exige um olhar desmitificado sobre as questões pós-coloniais.

Neste artigo, exploraremos os diferentes aspectos da contemporaneidade na literatura indígena brasileira, analisando suas adaptações frente essa realidade, desafios e oportunidades que surgem para os escritores indígenas nesse contexto, dando ênfase ao fato de a produção literária nativa acompanhar as transformações do mundo pós-moderno, desconstruindo o esteriótipo dos povos indígenas de seres primitivos, ágrafos e indiferentes à dinâmica global.

Além disso, examinaremos como a visão contemporânea sobre as temáticas humanas tem alterado as temáticas, formas narrativas e o alcance dessas obras literárias, considerando também as questões de representatividade e valorização da diversidade cultural. A partir disto, também buscou-se analisar o papel do educador como agente fundamental para a implementação de um ensino mais inclusivo e respeitador às diferenças.

A globalização é um fenômeno complexo e multifacetado que tem transformado as relações entre os países e as sociedades. Essa interconexão acarreta tanto benefícios quanto desafios, pois permite o acesso a novos mercados e oportunidades, mas também pode agravar desigualdades econômicas e sociais. Na medida em que ideias, valores e práticas são disseminados rapidamente por meio da mídia e da tecnologia. Isso gera um intenso fluxo de informações e influências culturais, levando ao surgimento de identidades híbridas e à reconfiguração das identidades locais.

Na era da tecnologia super avançada, onde tudo e todos estão a um clique de distância, discutir temáticas indígenas e temas que levam à reflexão aos possíveis rumos que a humanidade tende a tomar impacta diversos aspectos da vida contemporânea. Ela cria oportunidades, mas também desafios, exigindo uma abordagem cuidadosa para garantir benefícios equitativos e promover uma coexistência pacífica entre as nações.

A partir disso, a produção literária, pode ser fundamental para influenciar outras áreas da sociedade. Dentro desse universo de circuito literário se encaixa a literatura indígena brasileira. Esta surge em um contexto de grandes transformações na história do

país e com uma significativa missão de ser uma forma de resistência cultural e afirmação de identidade, sendo uma plataforma para vozes indígenas serem enviadas e suas experiências compartilhadas; desafiando perspectivas dominantes e oferecendo visões únicas sobre questões sociais, ambientais e culturais que, ultimamente, vêm sendo fundamentais na realidade do mundo pós-moderno.

A globalização pode impactar a literatura indígena de várias maneiras. Por exemplo, a disseminação de ideias e culturas através da globalização pode abrir novas oportunidades para que autores indígenas compartilhem suas histórias com um público mais amplo construindo pontes entre culturas e desafiando estereótipos; além disso, a globalização pode influenciar a forma como as obras literárias indígenas são recebidas e interpretadas em contextos não indígenas, levando a questões de apropriação cultural e representação autêntica.

No entanto, a exposição a outras formas de expressão literária e a interação com diferentes tradições literárias podem enriquecer a produção literária indígena, trazendo novas influências e abordagens criativas. Ponto este ainda muito discutido, haja vista, ser uma zona tênue entre o ceder às práticas dominantes de literatura e o espaço à criatividade. Estes são apenas alguns exemplos adicionais do impacto complexo da globalização na literatura indígena. Portanto, este artigo se concentrará em trazer reflexões gerais sobre o comportamento da literatura indígena frente a este mundo hiper conectado, seus estilos e influências sofridas, perpassando por exemplos literários e finaliza buscando possíveis soluções para uma convivência menos danosa possível.

Metodologia

A metodologia de pesquisa deste artigo utiliza o método indutivo, que segundo Popper (1972) e Novais & Hortêncio (2021), trata-se de um processo de raciocínio que parte de observações específicas para chegar a conclusões gerais; já que a intenção de pesquisa surgiu a partir de observações de características presentes da literatura indígena escrita que se alinham a pensamentos contemporâneos, sendo assim, adotando-se este método, seus resultados podem ser generalizados, tornando-se pilares das informações gerais que afirmam coisas sobre as propriedades ou comportamentos universais.

Além disso, a pesquisa bibliográfica, conforme apontado por Lakatos e Marconi (2003), é uma importante ferramenta de pesquisa, permitindo a busca e análise de fontes

acadêmicas relevantes para embasar o estudo, haja vista que busca possíveis respostas em obras já consolidadas no ambiente acadêmico.

Desta forma, este trabalho acadêmico se concentrou em trazer a discussão sobre o tema em evidência perpassando sobre a própria história da literatura indígena brasileira até a contemporaneidade contextualizando seus aspectos, referências e destacando características estilísticas que são fortes sinais da influência do mundo globalizado dentro da literatura e destacando sua importância para os dias atuais marcados pela ampla dominação das ferramentas tecnológicas em todos os setores da sociedade.

Para uma análise em consonância com os objetivos, almejou-se enfatizar os pontos positivos e negativos da influência dos ideais contemporâneos dentro da literatura indígena (não ignorando o fato da própria literatura indígena ser um fenômeno contemporâneo), salientando inclusive a questão da apropriação cultural, termo moderno que vem sendo bastante utilizado nos ambientes acadêmico e digital. Discutimos em dois tópicos os obstáculos que os escritores indígenas enfrentam ao lidar com as transformações decorrentes da exposição em suas práticas literária, expondo as influências diretas no conteúdo de suas obras, pontuando importantes temáticas que se abrigam no viés ideológicos da literatura indígena, como a questão identitária, ancestralidade, memória coletiva e narrativa eu/nós. Para isto, utilizou-se o romance “Karaíba – uma história do préBrasil” de Daniel Munduruku como ferramenta de reconhecimento do indígena como detentor de conhecimento e responsável pela reescrita de sua história.

1. Introdução à literatura indígena brasileira contemporânea: contexto histórico e importância.

A história da literatura indígena remonta há séculos. Ela era preservada com a tradição oral, rica e diversa, transmitida de geração em geração. Antes da colonização europeia, os povos nativos do território que adentrou a História denominado como Brasil, os indígenas possuíam narrativas, mitos, poesias e cantos que expressavam suas visões de mundo, suas crenças espirituais e suas experiências materiais.

No entanto, com a chegada dos colonizadores europeus, a literatura indígena passou por transformações significativas. Parte dela foi registrada por missionários e etnógrafos, muitas vezes sob uma perspectiva eurocêntrica. Apesar disso, mesmo diante das adversidades e da repressão cultural, os povos nativos continuaram a preservar e

reinventar suas formas de expressão literária. Em defesa desta assertiva, Graça Graúna, ativista pertencente ao povo potiguara, afirma:

Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e na recepção de um público leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones (2013).

Nas últimas décadas, houve um ressurgimento e fortalecimento da literatura indígena. Autores indígenas passaram a escrever em suas línguas nativas e em língua portuguesa ou espanhola, abordando temas como identidade, resistência, ancestralidade e as lutas por direitos indígenas. Essa produção literária diversa e vibrante tem contribuído para ampliar as vozes indígenas e promover uma maior valorização e reconhecimento de suas culturas.

Algumas das primeiras obras de autoria indígena brasileira publicadas no Brasil foram “Mitologia dos Índios Tukano do Alto Rio Negro” (1979), de Mário Urutau, e “EroáGuajajara: A Poetisa da Floresta” (1987), de Eroá Potiguara. A promulgação da Constituição de 1988 trouxe avanços significativos para os direitos dos povos indígenas, reconhecendo e garantindo sua cultura, território e autonomia. Foi uma tentativa de reparo histórico ao longo de mais de 500 anos de negligência e genocídio de populações indígenas Brasil a dentro. No início, as produções indígenas escritas eram direcionadas ao ensino escolar e foi à medida do tempo tomando características de obras com especificidades literárias.

Isso também teve impacto positivo na literatura indígena, permitindo maior visibilidade e valorização das narrativas indígenas, além de estimular o surgimento de novos autores e obras literárias. A década de 1990 foi a época de grandes desafios, mas de importantes avanços da literatura indígena, exemplificados nas publicações de “A queda do céu” (1997), de Davi Kopenawa e Bruce Albert, e “Guardiães da Memória” (1999), de Daniel Munduruku.

É importante destacar que a literatura indígena não se restringe apenas a textos escritos, mas também engloba outras formas de expressão artística, como pinturas, esculturas e performances, entretanto, neste artigo, buscou-se centrar sua atenção à produção literária indígena escrita. Essa riqueza cultural tem enriquecido o panorama literário do Brasil e de outros países onde os povos indígenas estão presentes, oferecendo perspectivas únicas e significativas para a compreensão da diversidade humana. Sobre isso a professora e pesquisadora Maria Inês de Almeida diz:

Publicados em suas línguas ou em língua portuguesa, esses textos recolocam esses povos, suas línguas, no terreno da cultura literária, modificando-a de tal forma que, nessa cultura mesma, leremos os sinais de outros modos de ser [...]. A visão que se dá nos textos reitera a vida na aldeia, comunitária, respeitadas as singularidades, na diferença. A aldeia como experiência do lugar, mas não um lugar fixo, identificável. um lugar que é um texto, em vias de se desfazer a cada pronúncia, porque tem a natureza da palavra. (Silva Apud Almeida 2020, p. 27.)

A literatura indígena brasileira contemporânea surge como uma expressão artística e cultural das diferentes etnias indígenas presentes no país. Ela representa uma forma de resistência, resgate e valorização da identidade e das tradições dos povos originários. Pois segundo Silva (2020; p. 14) “nenhum outro elemento foi, como o indígena, tão presente e mudo ao mesmo tempo – tão invisível na sua visibilidade”.

Ao longo do tempo, a literatura indígena tem se desenvolvido de maneira significativa, passando por diferentes fases e transformações. Desde os primeiros registros orais até as produções literárias contemporâneas, os escritores indígenas têm buscado ampliar o espaço para suas vozes e experiências dentro do cenário literário nacional e internacional.

A literatura indígena brasileira após a virada de milênio apresenta uma diversidade de temas, estilos e formas narrativas. Ela aborda questões relacionadas à ancestralidade, às lutas por território, à relação com a natureza, aos desafios enfrentados pelas comunidades indígenas, entre outros aspectos que refletem a realidade desses povos. Além disso, também está intrinsecamente ligada às transformações sociais e culturais decorrentes da globalização. A ampliação dos meios de comunicação e o acesso às novas tecnologias têm permitido que os escritores indígenas alcancem um público mais amplo, tanto no Brasil quanto no exterior.

Nesse sentido, é fundamental reconhecer a importância da literatura indígena brasileira contemporânea como uma forma de resistência, preservação da cultura e diálogo intercultural. Ela contribui para a valorização e o fortalecimento das identidades indígenas, além de promover uma maior compreensão e respeito pela diversidade cultural do país: “Contudo, cada encontro com o outro opera uma reavaliação de nossa localização interna e, por vezes, deslocamos nosso olhar para uma percepção de que o outro também nos habita e constrói nossa identidade” Thiél (2013, p.11) . Ou seja, muito mais que uma luta minoritária, a literatura nativa brasileira é um passeio pela história do próprio Brasil, muito além de um só país.

No tópico subsequente, abordaremos como os padrões ultramodernos de meio bastante dinâmico influencia a produção literária indígena contemporânea, explorando as transformações temáticas, estilísticas e narrativas que ocorrem nesse contexto.

2. A literatura indígena brasileira contemporânea: reflexões e localização

O processo de interconexão e intercâmbio de culturas, tem afetado profundamente a literatura indígena brasileira contemporânea. Através da disseminação de ideias, valores e práticas culturais, as imensuráveis forma de contato global tem proporcionado novas perspectivas e possibilidades para os escritores indígenas. As barreiras espaciais se rompem, possibilitando uma mistura cultural, um empréstimo de identidades e despertando ainda o desejo do “ter” face às ofertas consumistas oferecidas em escala global. (Ferreira, 2013. p. 4).

Uma das principais influências da globalização na literatura indígena é a ampliação do acesso a diferentes referências e influências literárias. Os escritores indígenas têm sido expostos a uma variedade de estilos, técnicas narrativas e temas provenientes de outras tradições literárias ao redor do mundo.

Nesse aspecto, Souza (2021) acredita que a escritura de autoria indígena é marcada pelo tempo e espaço em que esses sujeitos estão inseridos, pois a trajetória das aldeias para as grandes cidades e destas para o mundo interfere nos resultados das escolhas da produção escrita. E esse movimento aldeia-cidade-mundo ocorre de forma dialética. Isso tem contribuído para a diversificação estética e estilística da produção literária indígena contemporânea

Além disso, um mundo conectado em escalas transcendentes tem proporcionado maior visibilidade e reconhecimento para a literatura indígena brasileira. Através dos meios de comunicação globais, como a internet e as redes sociais, os escritores indígenas têm conseguido divulgar suas obras e alcançar um público mais amplo, tanto nacional quanto internacionalmente. Isso tem contribuído para romper barreiras geográficas e promover o diálogo intercultural.

No entanto, é importante ressaltar que a influência da movimentação contemporânea na literatura indígena não se dá de forma unidirecional. Os escritores indígenas também têm utilizado a literatura como uma forma de resistência e afirmação de suas identidades culturais, pois a luta não se limita apenas às fronteiras artísticas, mas

também atinge limites pessoais, no momento em que se questiona sua própria identidade.

Contudo,

Esse processo é notório em todos os tipos de sociedade. Não se faz mais possível hoje viver excluído, sem a menor das influências globalizadoras da era pós-moderna. No entanto, a manutenção da essência identitária é naturalmente defendida pelos cidadãos “globo locais”, uma forma de ser e ter uma referência orientadora e organizada que os tragam de volta sempre que seu “Eu” se perder em meio ao emaranhado de identidades nas quais eles passam a ser aptos a visitar. (Ferreira 2013; p.7)

Eles têm buscado valorizar e preservar as tradições e conhecimentos ancestrais em suas obras, ao mesmo tempo em que dialogam com os desafios e demandas da contemporaneidade. Em suma, a globalização tem impactado a literatura indígena brasileira contemporânea ao proporcionar acesso a diferentes referências literárias, ampliar a visibilidade das obras indígenas e promover o diálogo intercultural. Essa influência se manifesta tanto na diversificação estilística e temática das obras quanto na valorização e fortalecimento das identidades indígenas.

2.1. Desafios enfrentados por escritores indígenas diante à contemporaneidade

Um dos principais desafios é o choque entre as tradições culturais indígenas e as influências externas. Os escritores indígenas precisam encontrar um equilíbrio entre preservar suas identidades culturais e se adaptar às demandas e expectativas do mercado literário globalizado. Isso pode gerar tensões e dilemas no processo criativo, que é o caso do hibridismo.

Muitos enfrentam dificuldades para publicar suas obras, obter reconhecimento e ter suas vozes ouvidas dentro do cenário literário dominante. A desigualdade estrutural muitas vezes limita suas chances de sucesso.

A representação adequada das culturas indígenas também é um desafio significativo. Os escritores indígenas buscam combater estereótipos e preconceitos através de suas obras, mas ainda enfrentam resistência e incompreensão por parte de alguns setores da sociedade. A luta por uma representação autêntica e respeitosa é constante, pois se trata de um constante desafio que acompanha a inquietude dos tempos hodiernos.

Seixas (2008) enfatiza:

Os movimentos de mutação do indivíduo, da sociedade em que ele vive e das próprias estruturas e instituições no mundo globalizado determinam, por um lado, a inafastável interação cultural, verdadeira osmose cultural, que resulta em culturas híbridas formadas com elementos de identificação cultural provenientes de todas as partes do mundo; por outro lado, os mesmos movimentos de transformação desencadeiam processo dialético muito mais intenso, em que se contrapõem as culturas locais e as não locais (sejam estas hegemônicas ou

não), numa luta simbólica em que cada cultura quer se afirmar perante as demais (p.110)

Outro desafio é a preservação da oralidade e das tradições narrativas indígenas em um contexto cada vez mais digitalizado. A transmissão oral de histórias e conhecimentos é fundamental para muitos povos indígenas, e os escritores enfrentam o desafio de encontrar formas de incorporar essa tradição em suas obras escritas.

Assim, é um momento oportuno à prática da alteridade, para escutar grupos que se sentem constrangidos e repensar práticas que parecem inofensivas, mas para outrem são incômodas, e também para o “letramento racial”, isto é, “buscar estudar e compreender os elementos simbólicos de uma etnia à qual você não pertence, mas deseja se aproximar e consumir artefatos”(Rezende s.n). Apesar dos desafios, os escritores indígenas têm demonstrado resiliência e criatividade ao enfrentar o processo de globalização, ao buscar alianças e parcerias com outros escritores e organizações indígenas, além de utilizar as novas tecnologias como ferramentas para amplificar suas vozes e compartilhar suas histórias.

Em conclusão, os desafios enfrentados pelos escritores indígenas diante do processo de globalização são diversos, envolvendo questões culturais, acesso a recursos, representação adequada e preservação das tradições. No entanto, eles continuam a resistir e a reivindicar seu espaço na literatura contemporânea, contribuindo para a diversidade e enriquecimento do cenário literário global.

No tópico subsequente, a obra “O Karaíba: uma história do pré-Brasil” terá considerações que ilustram de forma mais nítida pontos subentendidos como estratégias de sobrevivência nesse sistema móvel de ideais contemporâneos.

5. O Karaíba: uma história do pré-Brasil: a ancestralidade e memória

A obra de Daniel Munduruku “O Karaíba: uma história do pré-Brasil” teve seu lançamento em 2018 pela Editora Melhoramentos e descreve em linhas de um romance a história de duas tribos distintas, os tubinambás e os tupiniquins, mas que haviam em comum, um chefe espiritual. O Karaíba. Este fazia um papel de um profeta e era responsável por trazer boas-novas ou presságios desagradáveis. É este ser que transita entre o mundo espiritual e o concreto, o carnal e o sobrenatural e este fator colabora para a compreensão da profecia em si, visto que, os impactos advindos da chegada dos invasores, abalará não somente o plano natural (rios, terras, casas etc) como também sua organização como civilizações que possuem crenças, culturas e identidade próprias.

A história se desmancha em torno da profecia que “os coisas ruins virão” (Munduruku, 2018):

Coisa ruim vai acontecer em breve. Serão tempos difíceis. Fantasmas dos antepassados chegarão nessa terra e tornarão nossos povos escravos de sua ganância . Eles não terão piedade nem dos velhos nem das crianças. Simplesmente se sentirão donos deste lugar e de sua gente. Por isso, não lutarão com arcos e flechas, e não terão códigos de guerra. Serão homens duros e não respeitarão a tradição. (Munduruku 2018, p. 89)

Então os dois líderes tentam a sua maneira cumprir estas palavras sagradas, mas apenas ao final descobrem que, para enfrentar o tenebroso futuro, era necessário a união de ambas as tribos através do casamento de Potyra e Periantã, filhos das respectivas tribos rivais e de Perna-Solta com Maira. Ambos se uniram para fortalecer o povo dos invasores.

Sob as perspectivas da contemporaneidade, especialmente às questões de literalidade e se tratando de literatura indígena, é preciso enxergá-las a partir de panoramas decoloniais¹, de modo que, dentre suas principais características está a ligação com a oralidade. A obra de Munduruku cabe a comparação de prosopopeia da própria literatura indígena, uma vez que assume aspectos político-sociais naturais a este tipo de arte contemporânea.

O título “Karaíba: uma história do pré-Brasil” abriga um confronto à linearidade histórica, no que reafirma a existência de um mundo completo em cultura, religiosidade e organização social antes da chegada do colonizador. A estratégia de narração do romance de Munduruku perpassa pela mitologia mesclada de vários povos indígenas, numa tentativa de reunir vozes já dissipadas pelo invalidação cultural e reafirmar identidade: “o exercício memorial de Munduruku assume uma feição mítica ao prover uma narrativa de origens para dar conta de uma história apagada para sempre” (Silva, 2016.p, 121). O Karaíba mesmo no plano fictício, não há evidências para considerá-lo como total imaginação.

A representatividade da literatura indígena para os povos nativos brasileiros frente ao mundo contemporâneo transpassa o território da escrita e titularidade de um mero

¹ O termo “decolonial” tem suas raízes nos movimentos de libertação e resistência a partir do século XX, especialmente nas Américas, África e Ásia. Surgiu como uma reação ao legado do colonialismo e à percepção de que as estruturas políticas, sociais e culturais estabelecidas durante os períodos coloniais continuavam a perpetuar injustiças e desigualdades mesmo após a independência formal das nações colonizadas. A abordagem decolonial procura desafiar as hierarquias de poder, os sistemas de conhecimento dominantes e as narrativas históricas que sustentam a ideologia colonial, buscando promover uma visão mais equitativa e inclusiva do mundo. Ao longo do tempo, o termo “decolonial” foi adotado por acadêmicos, ativistas e movimentos sociais em todo o mundo como uma ferramenta para a análise crítica e a transformação das estruturas coloniais e pós-coloniais.

entretenimento ou de quaisquer padrões literários ocidentais. Quando se é revelado a profecia em sua esclarecida versão, os chefes das tribos se reúnem e afirmam uma tomada de posicionamento reativo ao futuro lastimável, considerando o respeito à natureza e aos preceitos transmitidos pelos ancestrais: “(...) Todos ouviam em silêncio. Em palavras sábias, sem arrogância. Elas vieram do longe, trazidas pelo vento e pela memória de gente Tubinambá. Por isso, tinham força” (Munduruku, 2018, p.123). A retomada de valores que transbordam o plano temporal de gerações é fortalecida e assegura um laço contínuo com a memória que foi trazida aos tempos atuais em fragmentos, muitos destes distorcidos em uma realidade onde os povos indígenas nem humanos considerados eram. Para os indígenas, a chegada do branco europeu não representou o início da história do país, e sim o apocalipse de tudo que já se tinha construído por suas mãos.

4. “O Karaíba: uma história do pré- Brasil”: a identidade do ser indígena contemporâneo

A questão da identidade é um tema bastante complexo na sociedade contemporânea. Estudiosos da pós- modernidade como Stuart Hall e Homi K. Bhabha trouxeram suas concepções sobre o comportamento humano contemporâneo mediante as ligeiras modificações que seu tempo exige. Em um mundo que tudo se faz e se refaz a todo tempo e nada é estático (Hall Apud Pina, 2015, p.214) , ser alguém que detenha os mesmos posicionamentos, verdades e crenças, parece algo inimaginável. Stuart Hall acreditava em uma identidade em constante movimento, onde o indivíduo escolherá constantemente àquela em que sentir mais conveniente, e esta inconsistência resultaria em uma “crise de identidade”, já que os pilares norteadores fixos não mais se estabilizam. Para Bhabha (2005), o conceito de identidade se dá como algo que não é fixo ou estático, mas sim fluido e em constante processo de formação. Segundo Hommi Bhabha, a identidade é moldada por uma interação constante entre diferentes culturas e contextos, e é influenciada por experiências híbridas e ambíguas. Ele enfatiza a ideia de que a identidade não é algo definitivo, mas sim uma construção complexa que surge das interações entre diferentes elementos culturais e sociais.

Contudo, tratando-se de povos que sobreviveram a genocídios em massa, aculturados, que foram postos em posição de estrangeiros em suas próprias terras e que mesmo diante a conquistas de direitos ainda resistem à invasões territoriais, doenças,

racismo e toda forma de invalidação imposta pela sociedade; engajar-se em ferramentas de controle do dominador, é um ato de resistência cultural e identitário.

A pesquisadora Josefina Ludmer (2007) em seu ensaio sobre literaturas pósautônomas¹ discute acerca dos diversos tipos de produção literárias emergentes às mudanças do contexto global de interação social, especialmente no que se trata de nações historicamente exploradas e inferiorizadas por viés ideológicos colonizador, como o caso da América latina. Dentre suas ponderações, destaca-se uma visão apurada destas novas perspectivas literárias, como a inquietude de ser ficção e ao mesmo tempo realidade, e vice-versa. Não há oposições que separem o que é real e o que invenção, pois até o sujeito se dissipa nesta realidade- ficção (Ludmer, 2007). Estas literaturas revogam os próprios critérios secularmente moldadores do que têm-se conceitualmente sobre o seja literatura.

A literatura indígena neste contexto onde minorias reprimidas buscam lugar em meio à reconhecimento cultural e valorização identitária, apresenta em meio à figura individual do produtor literário a inerente consideração coletiva. Retomando as linhas do romance “o Karaíba: uma história do pré-Brasil” a designação do “eu-nós” também se destaca na figura de Potyra, jovem que sempre lutou contra as tradições de seu povo para alcançar seu desejo de se tornar guerreira, mas que, em frente às más-novas do profeta, abdica de sua vontade individual em prol do bem em conjunto e acaba por ceder ao casamento com Periantã, com a esperança de ter entre seus filhos o escolhido para substituir o atual Karaíba e ajudar a guiar o seu povo para enfrentar um futuro nada próspero, e assim se sucede. Para Silva (2016) a obra de Munduruku estabelece o nexos de identidade, recordação e coexistência espaço-temporal como sendo a memória vinculada a um grupo, ou seja, a valorização do coletivo que antitetiza o ideal de individualidade da sociedade contemporânea.

Nesta mesma linha de pensamento, Peres (2017) qualifica esta característica como “carnalidade-politicidade” – termo criado pelo próprio Daniel Munduruku em sua obra “O Banquete dos Deuses (2017) - pois muito mais que uma expressão cultural artística, o

¹ As literaturas pós-autônomas são um conceito desenvolvido pela pesquisadora argentina Josefina Ludmer. Ela propõe que, em certos contextos, as literaturas latino-americanas não podem mais ser consideradas autônomas, ou seja, independentes de influências externas. Ludmer argumenta que a globalização e as mudanças sociais e políticas afetaram profundamente a produção literária na América Latina, levando a uma interdependência entre diferentes culturas e tradições, incluindo fatores econômicos (Ludmer, 2007). Isso resulta em obras que refletem uma mistura de influências e experiências, desafiando a noção tradicional de autonomia literária.

fator político da literatura indígena também transcende os sentidos literários de autor/obra e sujeito mítico/histórico, conceitos assimétricos sob a perspectiva clássica ocidental. Propõe-se que as obras literárias produzidas por autores indígenas não apenas refletem a realidade política e social de suas comunidades, mas também incorporam uma dimensão carnal, ou seja, uma conexão profunda com o corpo, a terra e a espiritualidade. Munduruku argumenta que essa carnalidade está intrinsecamente ligada à politicidade das narrativas indígenas, pois as experiências corporais e espirituais dos povos indígenas são inseparáveis de suas lutas políticas por reconhecimento, direitos e autonomia.

O autor indígena compreende seu lugar de fala, entende que apesar de ser um, torna-se voz de milhares; isto faz da literatura de autoria indígena ganhar função de testemunhos, cartas, crônicas, e principalmente, de resistência.

“O Karaíba” narra uma possível realidade antes da chegada dos conquistadores desta terra, mas não cabe aqui modificar algo do passado, muito pelo contrário, busca-se deixar caminhos para mudanças futuras, espaço único de tempo no qual podem ocorrer as mudanças (Quijano, 2005. P, 124). O passado não poderá ser modificado, contudo não significada que poderá ser esquecido.

2.2 O perigo da apropriação cultural promovido pela globalização das informações

A relação entre a literatura Indígena e o mundo contemporâneo, no entanto, traz desafios e contradições. Por um lado, o acesso global à literatura indígena possibilita maior valorização das culturas indígenas e uma conscientização sobre as questões enfrentadas por esses povos. Por outro, conflitos ideológicos, identitários e existenciais . Isso fortalece a luta por direitos indígenas e contribui para a preservação de suas tradições. Dentre os inúmeros termos bastante propagados na era digital que vem sendo tema muito discutido atualmente pelo meio acadêmico, está a apropriação cultural, que sob as palavras de Wiliam (2019) não se trata de delegar o que pode ou não pode ser usado.

A apropriação cultural de obras da literatura indígena brasileira contemporânea também pode resultar na exploração econômica injusta das obras e do conhecimento tradicional indígena, pois é atribuído aos artefatos a imagem de meras ‘fantasias’ esvaziando totalmente sua importância simbólica.

Para aqueles que descendem de povos histórica e sistematicamente oprimidos, que usam elementos de sua cultura como símbolos de resistência, para reafirmar ou reconstruir suas identidades, não deve ser fácil ver uma pessoa do grupo opressor, utilizando-os simplesmente porque se tornaram tendências, são descolados ou estão na moda. Talvez

faça lembrar a luta que ainda empreendem por suas terras e pela preservação de seus bens imateriais. A apropriação cultural foi uma estratégia que muitas vezes serviu de base para tudo isso. (William 2019, p.73).

Muitas vezes, escritores não-indígenas se apropriam dessas histórias e as comercializam sem a devida compensação ou reconhecimento aos verdadeiros detentores e produtores desse conhecimento. Isso cria um desequilíbrio de poder e perpetua a marginalização das comunidades indígenas, privadas de benefícios econômicos e de valorização de suas culturas.

Além disso, a apropriação cultural da literatura indígena pode levar à distorção das narrativas e à perda de sua autenticidade. Quando escritores não indígenas se apropriam dessas histórias, há o risco de interpretá-las sob uma perspectiva distante da realidade vivida pelas comunidades indígenas. Isso pode resultar na descaracterização das tradições, na simplificação ou romantização das experiências indígenas, o que prejudica a compreensão genuína e respeitosa dessas culturas.

É neste aspecto que profere William (2019) alegando que o corpo de um negro ou de um índio está impregnado de cultura e memória, traz as marcas de dor e sofrimento que a colonização impingiu. Essas peles não são fantasias. Portanto, apropriação cultural não é homenagem, é violência simbólica exercida de forma sutil ou explícita. É essencial que as vozes indígenas sejam amplamente ouvidas e valorizadas em seus próprios termos, sem serem filtradas ou manipuladas por meio da apropriação cultural.

Faz-se fundamental respeitar, valorizar e promover a literatura indígena brasileira de forma ética e inclusiva, dando espaço para que as próprias comunidades indígenas compartilhem suas histórias e perspectivas de maneira autêntica. A valorização da literatura indígena deve ser acompanhada por esforços para garantir que os próprios povos indígenas tenham controle sobre suas narrativas e sejam beneficiados de forma justa.

6. Possíveis práticas para o fortalecimento a literatura indígena

É fundamental reconhecer e valorizar a diversidade de vozes e perspectivas presentes na literatura indígena. Isso pode ser feito por meio de políticas públicas que incentivem a publicação, distribuição e divulgação de obras indígenas, bem como por meio da inclusão dessas obras nos currículos escolares: “§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” Brasil (2008; p.1).

Outro método que relevante é estimular a criação de redes de apoio e parcerias entre autores indígenas, editoras, instituições culturais e educacionais pode ajudar a fortalecer a literatura indígena. Essas parcerias podem envolver a realização de eventos literários, oficinas de escrita, programas de incentivo à leitura e tradução das obras para outros idiomas.

Investir em programas de formação e capacitação para escritores indígenas é essencial para fortalecer a produção literária. Isso pode incluir cursos, workshops, residências literárias e bolsas de estudo que permitam o desenvolvimento das habilidades de escrita e a ampliação do repertório cultural dos autores indígenas.

A existência do PROIND (Programa de Inclusão Indígena) trouxe alternativas mais acolhedoras aos indígenas no plano acadêmico. Em teoria, faz-se uma excelente opção de oportunidades, mas o que se vê na realidade, é bastante decepcionante. Compreender que “A busca pelo ensino superior não é uma ação individual; pelo contrário, trata-se daqueles que almejam o ensino superior e representam, também, o anseio coletivo da tribo à qual pertencem” Gianezini (2014, p. 4) aparenta ser mais um desafio lançado para esta sociedade.

Garantir o acesso a autores indígenas aos meios de publicação e distribuição é fundamental para que suas obras alcancem visibilidade e um público mais amplo. Isso pode envolver o apoio na edição, impressão e divulgação das obras, bem como o estabelecimento de parcerias com livrarias e bibliotecas para ampliar a disponibilidade das obras indígenas.

Em um mundo bastante conectado, onde muitas vezes, as leis parecem inalcançáveis, é um enorme desafio garantir que os direitos autorais e culturais dos autores indígenas sejam respeitados. Isso inclui o reconhecimento adequado da autoria, a remuneração justa pelo trabalho criativo e a proteção do conhecimento tradicional presente nas obras indígenas. É essencial que essas ações sejam implementadas de forma colaborativa, respeitando a autonomia e as demandas das comunidades indígenas, para que a literatura indígena possa florescer e ser valorizada em toda sua diversidade.

Conclusão

A literatura indígena brasileira desempenha um papel fundamental no mundo globalizado ao promover a diversidade cultural e ampliar as vozes dos povos indígenas. O indígena pós-moderno é este cidadão também multifacetado, mas não deixa de ser indígena. Questões como identidade, ancestralidade, memória e espírito coletivo que muito

se discute atualmente e que intriga o homem contemporâneo na busca do seu próprio eu, garantem espaço incisivo na literatura indígena. Essa relação traz benefícios ao dar visibilidade às suas lutas e culturas. No entanto, é necessário agir com sensibilidade e respeito para evitar apropriação cultural e garantir que os povos indígenas sejam os verdadeiros protagonistas de suas próprias histórias.

É importante sempre pautar a relevância da literatura indígena não se expande somente aos nativos brasileiros, mas também [re]constitui a própria história do povo brasileiro. Dar oportunidade de voz e vez aos povos indígenas é um meio de reescrever e resignificar a identidade dos mais diversos brasis existentes dentro do mesmo Brasil. Pautas que atualmente vêm sendo debatidas pelas grandes potências mundiais em fóruns e conferências como a valorização da mulher, cuidado ao meio ambiente, práticas de respeito à biodiversidade e tantas outras, já fazem parte dos valores indígenas há muito tempo, mas somente com a visibilidade dos povos indígenas e a propagação de obras literárias de autoria indígena é que aos poucos o reconhecimento vem sendo dado.

Fato é que sempre os povos indígenas escreveram arte, sejam em cavernas, pedras ou no próprio corpo. Por isso, há a necessidade de se compreender as mudanças. Aceitar as adaptações e colaborações na divulgação da arte indígena em forma de literatura é uma tentativa de entender o mundo inconstante que se desenvolve a cada dia. E isso é de fato, a história se construindo e reconstruindo a cada dia, pois o ser humano é esse ser imparável.

Referências

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada: experiência literária em terra indígena**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BRASIL. **Lei 11.645/08 de 10 de Março de 2008**. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em:

https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/lei_11645_100308.pdf. Acesso em 20 nov. 2023.

CAVALHEIRO, Juciane dos Santos; ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de; SILVA, Alisson Marcos Leão da. **Amazônias: literaturas, histórias e outras invenções**. Rio Branco: Nepan Editora; Edufac, 2020.

- FERREIRA, Ana Paula Moratori. **A manutenção da identidade cultural do indígena brasileiro em face da globalização**. PGCSUFJF. Minas Gerais, 2013.
- GIANEZINI, Kelly. **Políticas Públicas para Universidades: Análise de dois programas brasileiros**. XIV Colóquio Internacional de Gestão Universitária (CIGU). Florianópolis/ SC, 2014.
- GIDDENS Anthony. **As consequências da modernidade**. Oeiras, Celta Editora, 1995.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Mazza Edições; Belo Horizonte, 2013.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Loiro. Rio de Janeiro; Lamparina, 2014.
- LUDMER, Josefina.
- MARTINS, Maria Sílvia Cintra. **Inscrições Rupestres, Cantos Sagrados, Narrativas E Literatura Indígena**. **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 79–95, 2023. DOI: 10.47456/pl.v13i33.41078. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/41078> . Acesso em: 25 nov. 2023.
- NOVAIS, Ivo Costa; HORTÊNCIO, Victor Emmanuel. **As diferentes concepções do método científico e o debate da ciência econômica contemporânea**. *Nexus Econômicos* v.15,n.1, Jan – Jun 2021, p.24-53 doi.org/10.97771/rene.v15i.46644. PPGE/UFBA, 2021.
- PERES, Julie Stefane Dorrico. **Literatura Indígena e seus intelectuais no Brasil: da autoafirmação e autoexpressão como minoria à resistência e à luta político-culturais**. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, v. 11, n. 3. Porto Alegre; PUCRS, 2017
- POPPER, K. R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.
- SILVA, Denise Almeida. **Uma nova-velha história: o Karaíba e a memória ancestral précabralina**. *Interfaces Brasil/Canadá*. Florianópolis/ Pelotas/ São Paulo, v. 16, n. 3, PP. 118133, 2016.
- SOUZA, Damiana Pereira de. **A literatura Indígena por Eliane Potiguara**. XIV Encontro Nacional de Pós-graduação e pesquisa em Geografia. UFG, 2021.
- STIGLITZ, J. E. **Making Globalization Work**. New York: WW Norton, 2006.

THIÉL, Janice Cristine. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural** *in* **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade Acesso em 20 nov. 2023.

REZENDE, Milka de Oliveira. "**Apropriação cultural**"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/apropriacao-cultural.htm>. Acesso em 25 de novembro de 2023.

WILLIAM, Rodney. **Apropriação cultural** / (Feminismos Plurais) – Djamila Ribeiro (coord.) São Paulo : Pólen, 2019. http://www.machadosobrinho.com.br/revista_online/publicacao/artigos/Artigo02REMS8.pdf.

Acesso em 24 Nov. 2023